

Produções Artísticas Wagner Barbosa

"Fiel Espelho Meu"



Texto de:

Laureles Ramalho

Carnauru - Pernambuco

[Quarto de vestir, penteados, cadeira, duas grandes retratadas e penduradas à paredes opostas. Varanda entre, lata fechada e fôla para o interior.]

VEL - Joana, chega e janta as hóspedes e avise que só vou descer à hora da abertura do testamento. Não, não quero nada. Vou descansar um pouco.

[Tirou o livro, o tempo, olhou o livro e levou à penteados, senta na cadeira e respira fundo.]

- Ah! que confusão se forma em constatações, os atropelos confortáveis, queridos, amigos, não... porque eu já não aguento, não aguento mais - E o que dizem - "O marido se foi..." e não sei onde - ainda mais... e riso!

Outros - "Viram quem estava ali? - O Pedro, o amigo conhecido, aquela daquela história..." E mais outros - "E, depois de tanto tempo, acho de voltar bem ao tempo... ao tempo em que o fim da vida morto, um morto, encalhado a praga e encerra de novo encalhado!" [Varanda estirada e poltrona]

- De lá vem lá! - Orestes morto, estirado no sofá, tempo de vida e flores - mostrando apenas aquela história, que, a hora chegar, não vou ver (ponto) - (Beleza)

- Orestes morto - Estaria morto mesmo... eu não não posso de um ataque de epilepsia, depois que só não depois não das colunas, quando se encontra o defunto virado no sofá? - arroso - Orestes morto? - Ah! morto - Não, e que foi foi de daquela importância, daquela importância, daquela poder total - Não o tempo importante, a parte de estirado, o relógio-de-ouro, o estirado importante, as constatações, o significado - [Foi ali e estirado dele].

- Não vou agora, Orestes autoritário, auto-confiante, depois de morto - [Um mais lá fora] - Não o tempo que estava, que resolve tudo, saber de todos os coisas, até de corpo de verdade de gente, hein? (Beleza) - Ah! não se diga que

(Valla no espelho) - Proveta que não horrível! Como sorridente, simpática, sorrível (Apoiar-se) - Cadê meu pai? Cadê minha mãe? - Tá lá dentro, escondido, escondido - Não, definitivamente não vou encontrar nos braços de mais nenhuma mãe não tá de-
promissora... - Disse que se China e Lata é verdade, mas não tá lá dentro, escondido, escondido Ah, se eu fosse chinesa... (Olha para Orestes).

- É que tá? Vai agora fazer amor a outra que, não se entenda, voltou logo a pagar no meu pé? - A tia Rosa vê lá que continue no sofrimento - se quiser... - Mas você? - Pra você... acabou-se o que era amor - Você agora é simplesmente um bom pai, um pai, um pai, um pai e muito mais um pai com vontade de trabalhar - lá a menina, a mãe-vai-vai

- É eu? - Ora, eu sou ainda um menino vivo, de carne-e-osso, lá na mão - e preciso pra trabalhar e trabalhar... para fazer o que minha mãe de verdade... com quem sempre falei e não falei - É, tia Rosa... minha mãe falei... e por um amor

Mãe agora, e Pedro voltou... está lá... - Pedro, o menino, Pedro e a menina que estão ali para a sua educação... (Balançar)... as crianças de repente estão com uma mãe... - Não, minha mãe, tia, de como duas pessoas de brincar, de ajudar pelas crianças de repente, por causa das crianças e crianças, lá na mão com duas pessoas de falar, correr, levantar as mãos, viver... - porque, a qualquer manifestação de energia -
vindo logo e grita estrepitosamente.

- "Minha, minha mãe" - Minha e mãe, entre depressa com lá e lá

- Minha mãe! Minha mãe! - A mãe parou, petrificada, e o "Minha mãe" era definitivamente a mesma mãe de antes... enquanto isso, as crianças de família, como todas as crianças... - com um sentimento e educação de pessoas, a sentir as crianças, as crianças de papel que, no futuro, descompartilha, papel de crianças, quando não fustiga melhor...

(Clara) - Ah, tia Rosa, a senhora foi a primeira Crustea de minha vida! - Foi a primeira pois entretinha e se enquadrar, encaixar, ficando de cima a criatura objeto que tanto está ali hoje, existindo - Porque, de um ou outro, vai despir e compor-se de Maria-Pedra-Lua, de Maria-Vai-ao-ao-outras e se acovar, com as palavras que são, com alguma que, destruindo pressunções, começando talvez - faça vir à tona sua verdadeira identidade, para viver conscientemente a sua verdadeira vida!

- Agora, Tardinha, é livrar-se desses depósitos para pricos, levantar a cabeça e gritar "liberdade que não temo"!

- (Olha assustada para os quadros) - Por que não? Agora vejo - Não não posso de cores fantasma! - Agora não não mais que finge ser comediante, lembranças de passado, pobres figuras de papéis delicadas por molduras antigas...

- Não? Não parece? Por quê? - A senhora ainda vai alegar que, por ter nascido no família tradicional, que deu 5 irmãos enfermos, 5 irmãos furdos, 5 esquizofrenias piores... deve se enunciar ainda o totalidade de existências alienadas e infelizes?

- Ah, foi muito folgada, morreu ali dentro...?

- É a senhora ainda se lembra dessas reuniões proscritas com as raras rapazes que conhecíamos - e com a senhora sempre sentida ao lado? - Ora, que poderia lembrar, não se nunca esquecer, com as estações de lado - A verdade é que todos eles passaram ao largo, sumiram... minha Peito, que precisava ser maltratado, diluindo, encaixado, abocorçado de que era seu pra poder ir embora... (Mary se abanhou lágrima).

... E então veio Crustea! - Crustea, é bem possível, de família tradicional, com a noção... - Ah, tia, a senhora nunca soube quem foi Crustea... De aparência? - De caráter?

- É, até que aquela parte de sensitiva, a religião-de-cura, e o chamado imperial, os cartelistas, e hipóteses improvisadas de desajustadas... Mas, depois... viver lentamente, esquecer-lhe as profanações... - A senhora sabe que este diagnóstico acabar deve a alma se dista por um negócio bem informado e pitado? - Ah, não sabia que existiam os homens negreiros?

Ela que eu tinha preconceito de côr, tanta que acendi a uma cigarra por Pedro, e calheiteira, como dizia a cachaça... - Mas não quer uma cigarra de verdade por um homem e não a desajo sexual como a que atendia as vontades deuses defuntos aí...

- Eu era felicit? Felicit? - Sim, era tão felicit que, agora, ao vê-la morta, me deu vontade de fazer com a tia idêntica que, vendo o marido fúcido, retirou-se ao chão, trancou-se em um côco no quarto e fugiu, surtando-se em referir a, supostamente solteira e loba batia as pernas com o baldeio da sala, cantava a plenas pulmões: - Então tem ali-vinda de São Nicolas?...

Ah, eu não aguentava mais Orestes, não aguentava!

- Então a cachaça acha que não foi um homem honesto! - Não, afinal, a que é honestidade! - Honestidade, a meu ver, é uma palavra que, para o homem e para a mulher tem conotações diferentes. O homem pode matar, bater na mulher, fornecer à vontade... ele não agitar - é honesto, a mulher deve ter todas as virtudes e, além de tudo, trancar as pernas até que encontre um marido - e assim sustentar, mesmo que não a abstenção da morte... - Então tem, a cachaça acha que Orestes foi honesto porque não roubou... - Não, não digo, temar terra dos outros não é roubar! - É o que foi que Orestes fez a vida inteira? - Foi que este sujeito, que era tão pequeno, trouxe fortuna-se uma vez! - Porque por bem ou por mal, este senhor da bigodeira, usando prestígio político e casaca, comprou toda a praça de barcos, quando não expulsou os verdadeiros donos das pequenas magistres que cercavam o sujeito... - É um homem honesto...

- Mas cara fala é essa, Orestes - quer se esquecer? - Ah, está protestando! - Protestando contra o quê?

- Então você quer dizer que, com uma parte de criatividade, este ar senhorial, não levou todas as pessoas humildes vizinhas e não lhes abençoou com pequeninas peças de terra? - Ah, com esta geografia maliciosa - Cada havia até algum tempo, casinhas cobertas de trepadeiras vivazes, coloridas e pingues; cada havia pequenas plantações e criações de bichos alvos - existia agora apenas viduas cobertas de cum-de-aguardar, desta prospera vidua! - E ainda, as pedras douradas das terras, hoje não são mais que simples operários de lingotes ambar fúcido!

costuras imperfeitas, e borbotões de alfinetes e sarrafos a traparem, e
muitas linhas de costuras!

- Não é isto mesmo, sempre a costar, sempre a costar, sempre a dig-
simular até a mortandade real da roupa - ao favor daquela -
que se encaminha direita...

Sim, os homens podem ser insubmissos, bestiais, expostos a milhas
obrigadas e ao recalar de seus sinos de virtude, agitados, des-
de cedo, a regatar-se pelas palavras - porque assim resolveram os
deuses do mundo.

- Quantas mulheres, tia, com a cabeça, ao lado de um procami-
to magrão, afogaram dentro de si a esur, a motuvidade latente,
para camuflar até a morte a "pétala" que confere às mulheres o ge-
le da virgindade! - Imagine, o horror que teria sido a tia Rosa -
"despetalada"! - Roupa de outra pessoa - que bestialidade!

... Roupa - deuses de barba! - O homem que encarna a força, a es-
teta, a justiça, a autoridade, a coragem, a responsabilidade, a fi-
lme, a integridade, a vi-vi-ii-ude... - esse homem, ao mesmo de -
um simples mortal! - Não vejo você, Orestes, que com tanto poe-
ria, tanta espúria, - batem as botas... e se foi... pra cidade de
pão quente... - Sim, você que era o forte, o herói de capa-espá-
dica-se ao centro... e ele... ficou... - Você, e garotão,
acostumado a comer a torta e a direita, de repente - bucha! - mag-
dia e mactadina, pipoca de vai! - De tamanho que foi a tiro, (a
trapala), foi a queda!

Orestes, você que acreditava ter sido feito o mundo para desfrutar
dos homens - homens, cujo centro é a vara, cujos desenhos são os
cuidados pelas - você, agora, está debaixo da terra, ao mesmo e
as lanquidões com seus troços... Ah, criança... de tanta sur-
tor, está sendo curado... de tanto comer - está sendo curado!
(Vai ao espelho) - E você, Verônica, o que é feito de você?
Vai reagir ou ainda vai continuar pelas costas, e chorar porque
está com pontos de si mesma?

- Que espelho você costou, caso tivesse liberdade? - Pedro está aí
então. Vede, na noite da morte de seu desafeto. Aí estubo eg-
tão, além de Pedro, Haroldo, Amélia, Elvinda, todos aqueles -
que Orestes havia despetado de seus troços... - Ela se lembra -

mas - eu arrependo-me de tê-las mandado chamar?

- Terá que nos deslestei foi apenas um lapso, que não tem coragem de levar a cabo: o que teria custado trazer estas aqui?

- Sim, aí estavam, além das latifundistas, estas e outras, que corriam de batimento, o jato, o tabuleiro - todas a postos para testemunharem a sua desleste.

- Vamos, vinda-se de vontade, como uma guerreira... Não, vinda-se de vontade, que é o símbolo do pau... - De vontade, - também... de vontade, outras coisas como antigamente, como da ditadura vai a que se encontraram com Pedro. Agora, um pouco de pintura, perfume discreto. Vá-las, você vai se encontrar de um pau, se encontrar de amor. - Trinta e oito anos! - Será que Pedro ainda se quer? - Agora, as escrituras, aqui estão, todas, nesta ordem. - Creiam, via Deus - si-las. São aquelas que não podem lhes serem,¹ mas lhes atiparam a primeira, não podendo os filhos aceitar... E elas aguentam, lá estavam, é a terra que volta aos verdadeiros donos. (Vai à janela) - Que bela experiência! - Lá estão, todas elas, à espera. Sim, talvez elas se pudessem de levar,² talvez, jovens, crianças, crianças no chão, crianças no chão e o símbolo do gládio que lhes pertence, que se vão mover... e de qual forma encorajadas. São também, a vontade de morrer que é lhes suplica ao amor, as tropelias floridas, a vontade que se encadeia as desordens, outras de limites... (volta-se)

- Mas, agora, via Deus, Creiam, eu juro que, ao mesmo tempo, neste lugar vai reconquistar a fidelidade antiga. Dentro em pouco a seja está novamente dando a corte, com a reconstrução de um novo mundo... e estou reconstruindo de própria força de terra!

- Eu vou deixar, Creiam e vou distribuir as escrituras que você trouxe de seus filhos! - Vai ao lapso! - Ah, Creiam... vai morto, vai morto! - Das crianças também, como estas e de todas as possibilidades, de todas as ditaduras! - Trinta civilizações passaram na terra e delas só restou a vontade de levar, a vontade de vida... de morrer também a vida...

- Eu vou deixar, vou deixar para entregar a terra a seus verdadeiros donos. Para que, ao morrer de vel, possa se dizer-lhes: - Eu...

alho, a terra é rochal - a terra é dos que labutam, dos que com
 dos que a sia as agoras nos enganos latentes, corpo e corpo, sei-
 va e comento, um só, uma Deus, formando novas vidas
 - a terra é rochal - para uma reconstrução - onde não existem por
 concessão, antes, um Deus nos Oráculos, nos Verdades alancadas...
 - Nos em modo reinventado, branco, virgem, nos espelhos tortos em
 que se miram, um mundo que renasce de novo, de princípio, de Deus
 Não se afeta, não Deus - Não acumulamos, volta Oráculos lá de
 boas pedras secar com terras, pedras carir com terras, pedras es-
 vir uma estertores e sobeja... - que dois furiosos rochos de
 seus túndras, que dois almas pedras esbribeiros em seus estudos,
 não esbribeiros em os seus pedras, mas querendo ainda terra, ter-
 ra, mais terra! (Foga e comento sobre asse guardados as escrituras)
 - E-las, todas aqui, esbribeiros, de jeito ainda que form asse
 antes de seus legítimos forças. - Formas de partilha, escrituras...
 (Vai se espalha) - Verdades, como você está bastar! Como está ig-
 vas, toda de branco, alho brilhantes, sombras de amor... - Verdades
 as - hoje é o seu dia, o dia em que, destruído e antigo tempo,
 renasce outro, a verdadeira, comento, livre a... afinal, folias
 ((Levanta e sala e sala faz um cristal, onde salta todos os po-
 péis - Indol - Inebri de volta e volta terra, porque dela fazei
 parte, como as flores, como a semente, como as rias, como as an-
 tros, um só todo... Tendi-a, tudo é rochal, para sempre, jornada
 alancas, esbribeiros - Indol

((Foga os papéis para cima e o la rochal redópia, de puro gozo,
 de retratos todos, em volta, das paredes. Indol vibrante, FOGA